

Saberes docentes e o ensino técnico: da teoria às práticas

Adriana Barroso de Azevedo¹
Lucivânia Antônia da Silva Périco²

Resumo: Este artigo busca ajudar a compreender como o professor estrutura suas práticas e adapta os seus saberes ao perfil do alunado, considerando que a sua formação enquanto licenciado apenas o prepara para atuar no Ensino Médio e muitos docentes enfrentam o desafio de atuar também no Ensino Técnico. As questões norteadoras são: Quais competências, habilidades, valores e conhecimentos específicos são exigidos dos docentes? Como transmiti-los no contexto da formação técnica?

Palavras Chave: Profissionalidade – Saberes Docentes – Ensino Técnico – Ensino Médio.

Abstract: This article aims to help understanding how teachers, prepared to teach students of high school, face the challenge of teaching students of career technical education (CTE is part of the secondary education).

Keywords: Professionality – Technical Education – High School.

Introdução

Devido às transformações econômicas, políticas, sociais e culturais pelas quais passa a sociedade contemporânea e à constatação de que a escola é uma organização complexa que reflete as questões sociais, políticas e culturais, um outro olhar tem sido direcionado à prática docente, buscando “conhecer como o professor é formado nas e pelas instituições escolares, seja na sua formação inicial, ou antes dela, seja pela sua prática profissional. Busca-se também compreender como sua história de vida e sua trajetória profissional se cruzam” [...] (SANTOS, 2002, p.91). É nesse cenário que surgem muitas pesquisas a respeito da identidade, carreira, processo de formação, construção dos saberes docentes, e, mais recentemente, os estudos sobre políticas públicas para a Educação; currículo e cotidiano; resiliência; doenças do professorado (Ibid, p.91).

Assim sendo, focamos nosso olhar num grupo de educadores que tem grande relevância na formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho: o professor do Ensino Técnico. Dentro desse grupo macro, selecionamos os licenciados que atuam no Ensino Médio e no Ensino Técnico, buscando compreender como se dá a prática desses docentes nos cursos de formação técnica, para os quais não foram diretamente formados para atuar.

Embora o centro do nosso estudo seja a profissionalização docente dos licenciados para atuarem no Ensino Técnico, não é possível fugir da definição do que são profissionalização, profissionalismo e profissionalidade.

Segundo Libâneo (2004): “A profissionalização refere-se às condições ideais que venham a garantir o exercício profissional de qualidade.” Enquanto que: “O profissionalismo refere-se ao desempenho competente e comprometido dos deveres e

¹ Doutora em Comunicação Social (UMESP), Mestre em Educação (UFMT) e graduada em Pedagogia (UFMT). Atualmente é Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância da UMESp e professora no PPGE e Pedagogia EAD. adriana.azevedo@metodista.br

² Mestranda em Educação na linha de Pesquisa Formação de Educadores (UMESP); Pós-Graduada em Língua Portuguesa (UNICAMP); em Didática e Metodologia do Ensino Superior (UNIDERP); em Gestão da EaD (UNIDERP) e graduada em Letras (FSA). Docente da Rede Pública Estadual de Ensino e do Centro Paula Souza, tem experiência no Ensino Superior, Técnico, Médio, Fundamental e na EaD, como tutora. lucivaniaperico@gmail.com

responsabilidades que constituem a especificidade de ser professor e ao comportamento ético e político expresso nas atitudes relacionadas à prática profissional.” Assim, somente por meio da profissionalização e do profissionalismo é que o professor alcança a profissionalidade, entendida aqui como o “conjunto de requisitos profissionais que tornam alguém um professor, uma professora”.

Isso posto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como o professor estrutura suas práticas e adapta os seus saberes ao perfil de seu alunado, considerando que a sua formação enquanto licenciado apenas o prepara para atuar no Ensino Médio. Afinal, quais competências, habilidades, valores e conhecimentos específicos são exigidos dos docentes? Como transmiti-los no contexto da formação técnica?

Desta forma, este trabalho busca despertar reflexão acerca da identidade do professor e saberes da docência, focando principalmente a atuação dos licenciados nos cursos de formação técnica. A opção metodológica é a pesquisa qualitativa por meio de um questionário aberto e semiestruturado aplicado a oito professores que atuam no Ensino Médio e no Ensino Técnico nas disciplinas: língua portuguesa, língua inglesa, matemática, química e biologia.

Desafios da docência no ensino técnico

A profissionalidade docente é um processo que deve ser concomitante com a formação inicial daqueles que desejam atuar como professores e não cessar quando a graduação termina, mantendo-se ao longo de toda a prática profissional. “A formação de bons principiantes tem a ver, acima de tudo, com a formação de pessoas capazes de evoluir, de aprender de acordo com a experiência, refletindo sobre o que gostariam de fazer, sobre o que realmente fizeram e sobre os resultados de tudo isso” (PERRENOUD, 2002, p.17). A atuação na docência deve ser antes de tudo “uma opção” e não o oposto, porque há de se considerar que o professor contribui com a formação de cidadãos, de seres críticos e pensantes, portanto, trata-se de uma profissão que requer não apenas o domínio do conteúdo a ser ministrado, mas o conhecimento dos objetivos que se deseja atingir e o compromisso com o educando.

Um dos professores entrevistados deixa bem claro, quando questionado a respeito de quais os desafios para os professores licenciados que precisam formar profissionais técnicos: “*acho que para lecionar inglês para o técnico precisa, antes de mais nada, conhecer o objetivo desta matéria nos cursos técnicos. Penso que isto acontece com todas as outras matérias também*” (SMR, docente de língua inglesa). Nessa perspectiva, fica evidente que não basta ao professor o domínio do conteúdo, ele precisa conhecer os objetivos de aprendizagem e traçar uma estratégia para atingi-los. Portanto, a aula não pode ser apenas um momento de estudo desconexo, ela deve estar organizada a fim de que o aluno adquira as competências e habilidades necessárias à sua completa formação, tanto no Ensino Médio como no Ensino Técnico.

Quando questionados a respeito de quais competências, habilidades, valores e conhecimentos específicos são exigidos dos professores para atuarem no Ensino Médio e no Ensino Técnico, um professor de língua portuguesa respondeu que no Ensino Médio são necessários “*Domínio da língua, conhecimentos sobre literatura*” e no Ensino Técnico “*flexibilidade para tratar de forma diferenciada os conteúdos, conforme o curso*” (ECK, docente de língua portuguesa). O professor deve adaptar o conteúdo às necessidades formativas de seu alunado porque, afinal, o professor é o mediador do conhecimento e não um mero reproduzidor de conteúdos divulgados nos livros.

Um professor competente, portanto, é aquele que desenvolve capacidade de mobilizar recursos cognitivos (...). Esta noção vale tanto para caracterizar o trabalho do professor quanto para explicitar objetivos de aprendizagem para os alunos. Um professor será mais competente quanto mais souber imaginar, refletir, articular as condições que possibilitem aos alunos aprender melhor e de forma mais duradoura, a desenvolver suas estruturas cognitivas e seus recursos de pensar e agir - de modo a se constituírem como sujeitos pensantes e críticos, ou seja, competentes. (LIBÂNEO, 2008)

E para adequar o conteúdo, o professor precisa diferenciar o perfil do aluno do Ensino Médio do perfil do Técnico, por isso, fez-se oportuna a pergunta: Qual a maior diferença de perfil entre o aluno do Ensino Médio e do Ensino Técnico? As respostas que vieram prontamente foram:

O aluno do ensino médio tem uma visão mais conteudista das aulas, tem mais dificuldades pra enxergar a praticidade do que ele aprende na sala de aula. Já o aluno do ensino técnico demonstra mais maturidade com relação ao que lhe é apresentado, com isso ele torna-se mais objetivo nos questionamentos e no estudo (FCF, docente de matemática).

Outro professor respondeu: *“No Técnico já há um direcionamento para uma futura área de atuação profissional, enquanto no Médio isto não ocorre, necessariamente, já que buscam cursos universitários em diversas áreas, que podem ou não estar dentre aqueles enfoques dos cursos técnicos”* (ECK, docente de língua portuguesa). Enquanto outro docente reforçou: *“O aluno do Ensino Médio está em busca da conclusão de curso a nível médio, para prestar um vestibular. O aluno do curso técnico busca uma oportunidade de trabalho no mercado. A grande diferença se faz pelos objetivos que eles têm em mente”* (SMR, docente de língua inglesa). Essas três falas enfocam a importância de o professor ser flexível em relação à elaboração das suas aulas, pois se o alunado e suas demandas são diferenciadas, faz-se necessário um enfoque diferenciado.

Nesse ponto insere-se a questão dos saberes docentes. “O docente, portanto, deve ser abordado na sua tripla relação com o saber: como sujeito que domina saberes, que transforma esses mesmos saberes e ao mesmo tempo precisa manter a dimensão ética desses saberes.” (THERRIEN, 2002, p.108-109) O professor inicia o processo ensino-aprendizagem partindo de seus conhecimentos teóricos, os quais são refinados com base na troca de experiências com seu alunado e as necessidades por eles apresentadas, aprimorando os saberes para a prática pedagógica, assim, o professor também aprende com a sua experiência, ele não apenas passa conhecimento, mas aprimora os seus próprios. A dimensão ética da prática docente diz respeito à convivência dentro da sala de aula e à relevância do professor enquanto formador. A ética aqui “diz respeito à convivência, à ação dos homens em sociedade” (PICCOLI & LENA, 2009, p.11).

Um professor competente não se restringe apenas à feitura de uma formação bancária, mas abarca em sua prática ações que evidenciam seu compromisso social e político, tem consciência do seu papel social e das necessidades e dificuldades que permeiam a sua atuação profissional. Nessa perspectiva, a atuação no Ensino Técnico pode ser um desafio para alguns professores licenciados, não apenas pela necessidade de adaptação dos conteúdos, mas por esbarrar na base da sua própria formação docente.

Em relação à pergunta: Você sente que a sua formação o preparou para lecionar tanto no Ensino Médio como no Técnico? Observam-se divergências entre as áreas do conhecimento: Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias – que englobam Química, Biologia, Física e Matemática – e Linguagens, Códigos e suas tecnologias – que englobam Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte e Educação Física.

O professor de matemática respondeu que “*Sim, pois como minha formação é em Matemática fica fácil transitar entre o técnico e o médio*” (FCF, docente de matemática). Tendo a opinião reforçada por outro professor: “*Sim, porque os professores da minha faculdade ensinaram tanto a parte teórica como a parte prática de cada disciplina e isso foi essencial; pois me proporcionou confiança e competência para lecionar uma disciplina tão técnica como a microbiologia.*” (ALK, docente de biologia). E confirmada por mais um professor: “*(...) Eu sinto que minha formação me preparou para lecionar no ensino médio e técnico, apesar de não termos uma disciplina direcionada a como lecionar química/EM (o que considero que seria muito interessante)*” (APRS, docente de química).

Resposta bem diferente deu outro professor: “*Não. Porque o curso de licenciatura da USP, embora seja feito em dois anos, já era uma crítica feita na época, era um curso muito teórico, só se fazia estudo de texto, não havia prática*” (TBV, docente de língua portuguesa). O que se reforça pelo depoimento de outro professor quando diz: “*A formação que tive na Faculdade foi pouca pelo que exigia de mim em sala de aula, por isso estudei inglês em escola particular para me dar uma base maior*” (SMR, docente de língua inglesa).

Essas diferenças de opinião demonstram as facilidades e dificuldades de cada área do conhecimento, o que nos leva a crer que as disciplinas de humanas muitas vezes exigem mais que a explanação teórica, sendo necessária ao professor uma vivência prática e/ou uma complementação dos estudos.

A continuidade dos estudos é fundamental para o desempenho do professor, visão evidenciada quando um docente diz:

Acredito que o grande desafio é fazer com que ‘todos os professores’ voltem a estudar, para que haja sempre atualizações e uma visão mais ampla do mercado de trabalho. O professor licenciado se preocupa demais com a vida acadêmica dos alunos, talvez com uma preparação (estudo) mais inserida na vida mercadológica faça com que tenhamos uma integração maior com a realidade que se exige dos alunos técnicos (FCF, docente de matemática).

E ainda reforça: “*(...) seja o professor do ensino médio seja o professor do ensino técnico se faz necessário um aperfeiçoamento contínuo do profissional. O conhecimento é totalmente mutável, mesmo quando ele parece de certa forma já consagrado, estático*” (FCF, docente de matemática). Por isso, fica evidente a necessidade de atualização constante, não só para aprimorar o domínio dos conteúdos, mas também para melhorar a atuação docente.

Uma das preocupações dos professores que atuam no Ensino Médio é a preparação do aluno para o ingresso no Ensino Superior por meio da sua aprovação no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou nos vestibulares das universidades. Fato é que

O Brasil tem uma rede de instituições públicas de educação profissional caras e gratuitas e que oferecem um ensino de alta qualidade. Só que os alunos, ao concluírem o curso, fogem dos empregos técnicos para os quais estão capacitados e vão para as universidades. (CARNEIRO, 2012, p. 160)

Nesse contexto, há uma exigência para que o professor prepare-se de maneira diferenciada e focada nesses exames. Portanto, perguntou-se aos professores: Considerando que você leciona para um alunado de nível médio e que muitos buscarão chegar ao ensino superior e/ou ingressar no mercado de trabalho, o que você pensa a respeito da responsabilidade de orientar os alunos para os diversos tipos de exames e testes aos quais serão submetidos, tais como: SARESP, ENEM, vestibulares, processos seletivos em empresas etc.? As respostas foram as mais diversas, mas é possível constatar que o docente sente-se responsável pelo preparo do aluno:

A responsabilidade do educador em orientar os futuros vestibulandos é fundamental, pois muitos de nossos alunos da escola pública não têm condições de pagar por uma orientação especializada, portanto, parto do princípio de que, se conheço os critérios e conteúdos de concursos públicos ou privados que podem trazer a emancipação para meus alunos, entendo que devo compartilhar todos os meus conhecimentos que estiverem disponíveis e, claro, em um tempo hábil (TBV, docente de língua portuguesa).

É interessante observar como o professor também se sente pressionado: “É uma pressão muito grande. Às vezes me sinto sobrecarregada e parece que o Ensino Médio serve somente para esses tipos de exames. Mas quando o aluno consegue vencer esses ‘obstáculos’ e você sabe que fez parte disso, a recompensa é enorme” (GCS, docente de língua portuguesa).

Mas além do preparo para os exames de ingresso no Ensino Superior, os professores também traçam estratégias para orientar os alunos a ingressar no mercado de trabalho: “(...) desde a minha atuação nesta escola, tenho orientado meu aluno quanto aos processos seletivos em empresa, que cada vez mais, exigem do candidato a habilidade necessária para suprir o que se espera deste profissional dentro da Empresa (...)” (SMR, docente de língua inglesa). Posicionamento corroborado por outra professora:

(...) Gosto de exemplificar também com fatos de reportagens, quando aparece algo que possa ser relacionado com os temas previstos para o ano letivo. Falo das expectativas de quem contrata quanto ao comportamento de quem está sendo entrevistado e de quem já está trabalhando. Detalhes que podem fazer a diferença (PSS, docente de Química).

Diante da questão anterior, outra pergunta surgiu: Como você se prepara para orientar os alunos para os exames ou testes acima mencionados?

Hoje eu procuro questões na internet ou em livros de química, mas uso aquelas que tenham sido utilizadas em vestibular. Também crio meus próprios exercícios, utilizando como base algum exercício de

vestibular, ou pensando naquilo que pode ser questionado aos alunos durante o vestibular. Tento mostrar a eles que não dá para ensinar apenas o básico. Quero que eles estejam preparados para o vestibular sem precisarem passar pelo cursinho, uma vez que nem todos podem pagar para fazê-lo (PSS, docente de Química).

Novamente é perceptível a importância de o professor se atualizar e de conhecer a realidade dos seus alunos. Além desses aspectos, mais uma informação relevante salta aos olhos: o auxílio da internet na pesquisa, elaboração das aulas e atualização do professor. “*Continuo me qualificando, lendo diferentes materiais (revistas, jornais, livros teóricos e literários), pesquisando na internet, enfim mantendo-me informada e qualificada (...)*” (GCS, docente de língua portuguesa).

A internet tem se tornado cada vez mais um elemento fundamental na elaboração das aulas, seja qual for a disciplina. Porém, a incorporação das novas tecnologias ao ensino ainda está em processo e, embora seja bem vista pela maior parte dos entrevistados, ainda levanta polêmica e encontra opiniões controversas:

Como profissional da educação, acabo concordando com o uso da tecnologia ‘internet’ em parceria com a educação, já que se trata de um recurso que está disponível a todas as faixas etárias e devemos aprender e ensinar a usar as ferramentas para obter um aproveitamento melhor do educando, minimizando possíveis prejuízos advindos do mau uso. Como profissional da psicologia, faço parte do grupo que defende o uso tardio dessa ferramenta em específico a fim de preservar a formação do sistema nervoso da criança e do adolescente até que se adquira maturidade neurológica para manuseá-la sem riscos (TBV, docente de língua portuguesa) (grifos nossos).

A fala do docente acima traz uma gama de conceitos ainda enraizados na educação tradicional e na visão geral que muitos professores têm a respeito do uso da tecnologia por adolescentes e na educação. Termos como “acabo concordando” e “devemos” trazem implícita a ideia de que se está fazendo uso porque esse é o estado atual das coisas, ou seja, é algo, de certa forma, imposto pela situação presente; também, o uso por parte do professor, em certa medida, pode orientar os alunos, talvez no sentido de ensinar-lhes como usar tal tecnologia “minimizando possíveis prejuízos advindos do mau uso”. Há nessa fala uma série de elementos que particularizam e enfatizam o receio que muitos docentes têm em relação ao uso da tecnologia. Outro ponto interessante é o fato de o docente, que tem uma segunda formação, na área de psicologia, reforçar sua visão com um posicionamento aparentemente antagônico, mas que na realidade reafirma sua prática docente de fazer uso da tecnologia ainda para auxiliar o aluno no seu manuseio.

Quando questionados: Você faz uso de alguma tecnologia para complementar suas aulas? Por quê? As respostas foram unânimes: “Sim”. Chamou a atenção, no entanto, duas observações: “*Sim. Faço uso do computador, do data show, da internet no celular do aluno etc.*” (SMR, docente de língua inglesa). O que chama a atenção nesse depoimento é que o professor incentiva o aluno a fazer uso da internet no seu celular, durante a aula, segundo o docente para consultar o dicionário inglês-português. Essa “modernização” se faz interessante porque é uma oportunidade de o professor orientar o aluno a usar a tecnologia em sala de aula para fins pedagógicos. Outra resposta também se destaca:

Hoje eu utilizo a ferramenta que nós temos: o portal educacional. Nele eu disponibilizo vídeos, textos, atividades e avaliações. Acho que isso facilita o aprendizado do aluno, pois ele pode consultar o material sempre que quiser e ajuda a pontuar sua dúvida, ajuda-o a dizer exatamente que ponto ele não entendeu. Mas o que é importante é que o aluno faça parte dele: realmente leia todos os textos recomendados, assista a todos os vídeos e não deixe de consultar seu livro ou outro material de apoio indicado pelo professor (PSS, docente de Química).

Nesse âmbito, o professor vê a tecnologia como um complemento de suas aulas, que está à disposição do aluno quando ele assim desejar, tal como o livro didático. A fala do professor chama a atenção também porque ressalta a importância da participação do aluno, uma vez que a tecnologia só é bem empregada na educação quando o aluno faz “a parte dele”, que é envolver-se e interessar-se. O envolvimento e interesse do educando são fundamentais para o sucesso de qualquer aula, conte ela com recursos tecnológicos ou não.

Todos os professores que responderam que faziam uso da tecnologia foram questionados: que tecnologia é essa e como você aprendeu a manipulá-la? Boa parte dos professores disse que a tecnologia utilizada é a internet e um portal educacional oferecido pela escola, e que aprendeu por meio dos cursos oferecidos para manuseio do portal ou, no caso da internet, de maneira independente: “Aprendi algumas coisas tentando fazer por conta, mas também tive uma boa oportunidade de me aprimorar a partir dos cursos oferecidos pelo próprio portal educacional sobre o manuseio de algumas de suas ferramentas” (PSS, docente de Química).

Por fim, abriu-se espaço para que o professor fizesse um comentário espontâneo a respeito do uso da tecnologia na educação. Foram diversas as abordagens. Merece destaque o comentário abaixo:

Apesar de ter uma certa resistência em relação ao uso da internet especificamente na educação até o ensino médio, percebo o quanto ela pode facilitar a vida do professor no sentido de aplicar provas, exercícios, atividades diversas e sintonizá-lo com a contemporaneidade, tornando-o mais próximo de seus alunos, já que todos eles utilizam tal ferramenta (TBV, docente de língua portuguesa).

Em seu depoimento o professor mostra-se mais uma vez receoso em relação ao uso da internet, mas consciente do quanto ela pode facilitar o trabalho docente, pela praticidade e também pela possibilidade de aproximar-se do aluno por meio de uma realidade que é comum a ambos.

Se o comentário acima demonstra o dilema vivido pelo professor em relação ao seu próprio uso da tecnologia na educação, o comentário seguinte aponta falhas do aluno ao usar a tecnologia:

Eu acho que a educação à distância (utilizando internet), seja como forma de complementar os estudos, seja como ferramenta para poder realizar um curso, ainda não é uma realidade bem empregada pelo aluno. É muito triste para mim quando eu disponibilizo vídeos para os alunos assistir e eles vêm até mim perguntar sobre coisas que estavam totalmente descritas nos vídeos, comprovando que eles não tiveram o trabalho nem de abri-los para saber sobre o que se tratava o

assunto. Outra coisa que me deixa triste é saber que muitos alunos pedem para outros fazerem suas atividades, cedendo-lhes seu login e senha. O aluno perde a oportunidade de mostrar se aprendeu ou não alguma coisa e também perde a oportunidade de tirar sua dúvida sobre o que ele não entendeu para poder estudar, melhorar, ampliar seu conhecimento. Vejo que ainda é muito mais fácil para alguns tentar de alguma maneira trapacear para conseguir uma boa nota do que tentar, errar, aprender com o erro e realmente aprender. Eu gosto de trabalhar com a tecnologia, principalmente porque acho que facilita meu trabalho, me possibilitando diversificar o conteúdo (lousa, livro, caderno, vídeo, música), ficando menos cansativo para o aluno, além de também ter a possibilidade de inserir avaliações e o próprio sistema corrigir, facilitando o meu trabalho no momento de fechar as notas e o do aluno, que já sabe como foi o seu rendimento (PSS, docente de química) (grifos nossos).

É perceptível que se o professor ainda tem dúvida a respeito da aplicabilidade da tecnologia à educação, o aluno também encontra-se em processo de aprendizado. Estamos numa fase de adaptação e o bom uso dos recursos depende também da boa vontade daqueles que os têm nas mãos. O que não se pode negar ao aluno é a oportunidade de se inserir nesse universo. Corroborando com essa ideia, fechamos este estudo com o comentário sensível e eloquente de um docente de língua inglesa:

Quando meus pais estudaram, (1932-em região pobre de Minas Gerais) eles não tinham nem cadernos, eles usavam pequenas lousas para anotar tudo. Na outra aula tinham que apagar e anotar outras informações. Alguns anos depois, já tinham cadernos, era uma grande novidade. Todos queriam o caderno, pois achavam que aprendiam mais anotando tudo o que o professor dizia e não precisava mais apagar o conteúdo. Depois de muito tempo, as crianças começaram a ganhar livros na escola, aí sim foi muito bom. Esta descoberta se estendeu às bibliotecas. Décadas depois, apareceram os computadores, então os alunos ficaram mais animados para os estudos. Hoje, não há escolas sem isso, ou pelo menos é o discurso de muitas. A razão pela qual estou contando essa história é para dizer que o mundo evolui e o homem também deve evoluir. Dizer que a tecnologia não está ligada à educação é como dizer que a semente irá crescer em solo pedregoso. O mundo muda, as pessoas mudaram. A tecnologia muda a cada dia e a educação tem que acompanhar essa grande mudança, pois o nosso aluno anseia pela informação ligada à tecnologia. Esta é minha opinião! (SMR, docente de língua inglesa).

De fato, as mudanças que as diversas áreas e instituições da sociedade vêm passando em decorrência do desenvolvimento tecnológico adentram cotidianamente no universo escolar nos diferentes níveis de ensino. No processo educativo, o papel do professor continua e continuará sendo fundamental para que se possa criar novas estratégias que levem o educando a refletir, a avançar em sua trajetória formativa e de vida num processo contínuo de novas e significativas aprendizagens, de reconstrução do conhecimento prático e de ressignificação das teorias.

Considerações Finais

Este estudo, dentre outros aspectos, buscou repensar a dicotomia existente entre teoria e prática docente, uma vez que percebemos que a formação do professor não o prepara para todas as situações profissionais às quais será exposto. Exigindo uma adaptação ao contexto e, em geral, a continuidade dos estudos.

Também se refletiu acerca das habilidades necessárias à profissionalidade docente, que devem ser construídas desde a graduação e repensadas a cada nova experiência pedagógica, pois a construção do profissional ocorre gradativamente, considerando o seu repertório e as suas múltiplas oportunidades de aperfeiçoamento.

Buscou-se, ainda, discutir a necessidade que o professor tem em se preparar para orientar os alunos nos diversos exames aos quais serão submetidos. Outro ponto relevante em relação aos saberes da docência foi a postura do professor no atual contexto educacional, principalmente no que tange ao uso da tecnologia. Os professores utilizam a tecnologia, acreditam que podem ter seu trabalho facilitado, potencializado e melhor antenado com o mundo do aluno.

Percebe-se que há um enorme desafio a ser vencido, não apenas no ensino técnico, mas na educação de maneira geral, que se constitui na construção de pontes entre os diferentes mundos que ocupam o universo escolar, o mundo do professor e o mundo do aluno. A apropriação da tecnologia enquanto linguagem e não somente ferramenta, pode ajudar a direcionar algumas ações na escola e ser a estrutura da ponte que ajudará nessa aproximação.

Concordamos com a reflexão de Scherer que nos alerta “Nós, professores, precisamos conhecer e assumir as consequências da escolha em sermos habitantes, visitantes ou transeuntes, responsabilizando-nos por todo ato, momento, decisão, considerando a possibilidade de erros, omissões e equívocos” (SCHERER, 2009, p.170).

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Moaci Alves. **O nó do Ensino Médio**. 3ª edição Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. A identidade profissional dos professores e o desenvolvimento de competência. In: **Organização e gestão da escola – teoria e prática**. 5ª edição. revista e ampliada, Goiânia: Editora Alternativa, 2004. Disponível em

<http://api.ning.com/files/OsTTFt2P6TZq2ktfIMPBK0xaiDN6b*B3SunKZIW7JZGjaA3c8m9sC5oOu28ev1bLJ1FAXA47WXbrq8QfG6wFhqLCz4xB8-mQ/TextoPlanodeNegciosJosCarlosLibneoIdentidadeprofissionaldosprofessoreseodesenvolvimentodecompetencias.pdf> Acesso em 14 mar. 2014.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. (p.17)

PICCOLI, Ana Paula B.; LENA, Renato C. Visão de Mundo. In: BARDUCHI, Ana Lúcia J. (Org.) **Desenvolvimento pessoal e profissional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009. (Cap. 1, p.11)

SANTOS, Lucíola L. C. P. Formação de professores e saberes docentes. In: NETO, Alexandre S.; MACIEL, Lizete S. B. (Org.) **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). (Cap. 4, p. 89 a 102)

SCHERER, Suely. *Educação bimodal: habitantes, visitantes ou transeuntes*. In: VALENTE, José Armando; BUSTAMANTE, Silvia Branco Vidal, organizadores. *Educação a Distância: prática e formação do profissional reflexivo*. São Paulo: Avercampo, 2009.

THERRIEN, Jacques. O saber do trabalho docente e a formação do professor. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura (Orgs.). **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2002. (p.108-109).

Recebido para publicação em 19-04-14; aceito em 25-05-14